



## A SUCESSÃO GERACIONAL NA INTEGRAÇÃO DO DENDÊ: O CASO DA COMUNIDADE DE ARAUAÍ, MOJU (PA)

Laíse Carla Almeida da Conceição<sup>1</sup>  
Rômulo Almeida Teixeira<sup>2</sup>  
Cynthia Meireles Martins<sup>3</sup>  
Marcos Antônio Souza dos Santos<sup>4</sup>  
Fabrício Khoury Rebello<sup>5</sup>

### RESUMO

A conjuntura do mercado dita as regras no meio rural e transforma a realidade das famílias, provocando, por consequência, impactos sociais consideráveis nas unidades produtivas, o que pode refletir na decisão do jovem quanto ao processo migratório e, por conseguinte, comprometer a sucessão geracional das famílias rurais. Assim, neste estudo, analisou-se o impacto da cultura industrial de palma de óleo no processo da sucessão geracional na agricultura familiar na comunidade de Arauaí, no município de Moju (PA). Para entender esse processo da sucessão geracional na comunidade foi realizado levantamento de campo com 20 entrevistados que trabalham no cultivo da palma de óleo, cujas famílias possuem jovens que poderão realizar o processo sucessório da atividade rural. Os resultados permitem concluir que os maiores ganhos econômicos advindos da produção de dendê demonstram maior satisfação entre os jovens entrevistados quanto à atividade rural; portanto, a despeito de predominar a vontade de sair da comunidade para adquirir conhecimentos, há interesse em retornar à propriedade rural, após os estudos, trazendo melhores perspectivas de vida para os membros da família e, por conseguinte, realizar o processo sucessório.

**Palavras-chave:** Sucessão familiar. Cultura industrial. Agricultura familiar.

<sup>1</sup>Engenheira agrônoma. Universidade Federal Rural da Amazônia. Amazonas. Brasil. E-mail: [laise.agronomia@gmail.com](mailto:laise.agronomia@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8476-1074>

<sup>2</sup>Estudante de Agronomia da Universidade Federal Rural da Amazônia. Amazonas. Brasil. E-mail: [romulo.a.teixeira@gmail.com](mailto:romulo.a.teixeira@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2335-486X>

<sup>3</sup>Doutora em Ciências Agrárias. Universidade Federal Rural da Amazônia. Amazônia. Brasil. E-mail: [cyntiamei@hotmail.com](mailto:cyntiamei@hotmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5695-8504>

<sup>4</sup>Doutor em Ciência Animal pela Universidade Federal do Pará. Professor Adjunto I da Universidade Federal Rural da Amazônia. Universidade Federal Rural da Amazônia. Amazonas. Brasil. E-mail: [marcos.marituba@gmail.com](mailto:marcos.marituba@gmail.com). ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1028-1515>

<sup>5</sup>Doutor em Ciências Agrárias. Professor Adjunto II da Universidade Federal Rural da Amazônia. Universidade Federal Rural da Amazônia. Amazonas. Brasil. E-mail: [fabriciorebello@hotmail.com](mailto:fabriciorebello@hotmail.com). ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-2398-4906>

## THE GENERATIONAL SUCCESSION IN OIL PALM INTEGRATION: THE CASE OF THE ARAUAÍ COMMUNITY, MOJU (PA)

### ABSTRACT

The market conjuncture dictates the rules in the rural environment and transforms the reality of families, resulting in considerable social impacts on the productive units, which may reflect the decision of the youth regarding the migratory process and, consequently, compromise the succession of rural families. Thus, the study analyzed the impact of oil palm industrial culture on the process of generational succession in family farming in the Arauaí community, in the municipality of Moju (PA). To understand this process of generational succession in the community, a field survey was conducted with 20 respondents working in oil palm cultivation, whose families have young people who will be able to carry out the succession process of rural activity. The results allow us to conclude that the largest economic gains from palm oil production show greater satisfaction among the interviewed youth regarding rural activity; therefore, despite the desire to leave the community to gain knowledge, there is an interest in the future in returning to rural property bringing better life prospects for family members and therefore carrying out the succession process.

**Keywords:** Family succession. Industrial culture. Family agriculture.

**Como citar este artigo:** CONCEIÇÃO, L. C. A. *et al.* A sucessão geracional na integração do dendê: o caso da comunidade de Arauaí, Moju (PA). **DRd - Desenvolvimento Regional em debate**, v. 9, p. 625-645, 29 out. 2019. DOI: <https://doi.org/10.24302/drd.v9i0.2275>

**Artigo recebido em:** 30/08/2019

**Artigo aprovado em:** 07/10/2019

**Artigo publicado em:** 29/10/2019

## 1 INTRODUÇÃO

Ainda hoje, as atividades na agricultura permanecem herdadas dos pais para os filhos. A sucessão não é meramente um evento de transferência da propriedade entre membros da família, mas um processo do controle do empreendimento e da transferência de conhecimento técnico adquirido ao longo dos anos, o qual ocorre em um extenso período de tempo.

Historicamente, a agricultura familiar se mantém indivisível quanto ao patrimônio, elegendo apenas um sucessor para a propriedade. Todavia, convém notar que, na atualidade, cada vez mais essa sucessão tem sido problemática, visto que os jovens rurais estão, em grande parte, passando a desconsiderar as práticas tradicionais da reprodução da propriedade como opção de trabalho no futuro (KIYOTA; PERONDI, 2014).

Certamente é preciso respeitar os jovens em seus projetos individuais, ainda que estes não estejam relacionados com o processo de sucessão geracional, contudo, vários estudos apontam que as dificuldades inerentes à atividade laboral rural tais como baixa produtividade, dificuldades de inovação, dificuldades de acesso ao crédito, carência de assistência técnica e

extensão rural e, falta de verticalização da produção, são fatores limitantes à sucessão das famílias na propriedade rural (FRANZEN, 2014; PANNO; MACHADO, 2016; ARAÚJO *et al.*, 2017; RODRIGUES *et al.*, 2017; STRATE; CONTERATO, 2019).

Ademais, os conflitos entre as gerações, a ausência de incentivo por parte dos pais que afastam os filhos da gestão dos negócios, a penosidade das atividades agrícolas, a desigualdade de gênero e, o não comprometimento do filho que possui outras expectativas profissionais, são outros fatores que reduzem a expectativa do jovem suceder os pais (MATTE; MACHADO, 2016; PANNO; MACHADO, 2016).

Quanto aos sistemas de integração de produção, espaço no qual se desenvolve esse estudo, no que tange aos investimentos em terras, infraestrutura, maquinário e mão de obra, estes são de responsabilidades dos produtores rurais, ao passo que a empresa garante a assistência técnica, insumos de produção e compra do produto (SILVA, 2006; FERREIRA, 2007; GOMES; GOMES, 2008; OLIVEIRA *et al.*, 2015). Sublinha-se que, o sistema de integração é complexo, cujo relacionamento entre agroindústria e produtor é regido por contrato, sendo este o vínculo de dependência entre o agricultor e a empresa integradora, o qual define as formas de produção, de comercialização, obrigações contratuais, além do tempo de contrato, forma de pagamento e remuneração por produtividade (ZIEBERT; SHIKIDA, 2004).

Vale frisar que, normalmente, o preço pago nos sistemas integrados não possui grande margem comparativamente aos preços de mercado obtidos por produtores individuais. Contudo, os menores riscos de flutuação de preços além da garantia de receita é um grande atrativo aos produtores (JANK, 1996).

Especialmente em relação à cultura do dendê, unidade dessa análise, e seu fomento à produção na Amazônia, a atividade foi levada para a região em 1942, sendo que, a partir dos anos de 1970, passou a ser subsidiada pelo governo militar, e com o tempo, tornou-se uma saída para diminuir as desigualdades no meio rural brasileiro (SILVA; HOMMA; PENA, 2011). Mais recentemente, o Programa Nacional de Produção e Uso de Biodiesel e o Programa de Produção Sustentável de Óleo de Palma no Brasil foram introduzidos como política nacional de forma a promover a inclusão social, bem como, a geração de trabalho e renda aos agricultores familiares (BRASIL, 2010; GEMAQUE; FERREIRA FILHO; BELTRÃO, 2015).

No estado do Pará, a palma passou a receber investimentos mais vultosos, somente a partir do lançamento do Zoneamento Agroecológico do Dendê e do Programa de Produção Sustentável de Óleo de Palma no Brasil, em 2010. Ademais, em 26 de agosto de 2014, o Governo do Estado do Pará assinou um protocolo visando fomentar a cadeia produtiva do dendê no estado (GLASS, 2013; PARÁ, 2014).

Atualmente, a região Nordeste Paraense, no estado do Pará, é a que mais tem sido ocupada pela cultura, contando com 37 municípios adequados para a atividade (EMBRAPA, 2010). Somando-se as áreas próprias do setor empresarial às ocupadas com dendê na agricultura familiar, a região possui cerca de 166 mil hectares cultivados com essa palmeira (GLASS, 2013).

Contudo, o fomento à produção do dendê, na Amazônia, tem sido alvo de debates quanto à sua viabilidade socioambiental na região. Estudo realizado no Baixo Tocantins acerca dos efeitos da integração dos produtores de dendê sobre a dinâmica do desenvolvimento local, cita que a integração entre a empresa e os agricultores locais tornou-se uma relação de

dependência, caracterizando os produtores muito mais como terceirizados da empresa do que proprietários rurais, por meio de contratos desfavoráveis aos agricultores (FERREIRA *et al.*, 2016).

Na comunidade de Arauaí, objeto desse estudo, a primeira fase do projeto, em 2002, contou com 50 famílias, cada uma delas tendo 10 hectares, totalizando 500 hectares de dendezeiro. Os lotes se localizam próximo das residências dos produtores e a integração rodoviária foi elaborada pela Agropalma, que também foi responsável pela implantação do projeto, capacitando os produtores através de dias de campo, feiras e palestras com entrega de cartilhas, além de conceder assistência técnica e fornecer as mudas. Vale frisar que no início havia muita desconfiança por parte dos pequenos produtores com relação à proposta da Agropalma, pois entendiam que a empresa iria se apossar de suas terras (REBELLO; COSTA, 2012; MENEZES *et al.*, 2015).

Com a constante assistência técnica prestada pela Agropalma, o grau de confiança aumentou e outras fases do projeto foram iniciadas, nos anos de 2004, 2005 e 2006. Na comunidade de Arauaí, todos os integrantes do projeto estão em situação adimplente com os recursos tomados, pois de outra forma não poderiam fazer parte do projeto, sendo regra para o financiamento bancário. Atualmente o projeto conta com 150 famílias.

Neste trabalho, busca-se a partir da sua natureza qualitativa, preencher um *gap* de pesquisa, no qual, a sucessão familiar no meio rural é tida como estudo de relevância, ao mesmo tempo que é necessário analisar os impactos socioambientais gerados pela cultura da palma (NAHUM; SANTOS, 2013). Para tanto, delinea-se o objetivo desta pesquisa que visa analisar a perspectiva de sucessão geracional na comunidade Arauaí, no município de Moju, estado do Pará, dentro do contexto da produção integrada da cultura industrial do dendê.

## 2 A SUCESSÃO GERACIONAL NA EMPRESA RURAL FAMILIAR

A sucessão geracional no campo, dentro de unidades familiares produtoras, é um processo importante para sua sobrevivência bem como a reprodução socioeconômica de seus membros. O trabalho na agricultura familiar ainda é algo herdado, sendo a administração da propriedade transferida para os seus membros mais jovens, visto que o trabalho neste segmento produtivo se sustenta pela sua própria mão de obra.

Normalmente, a transferência de atividades ocorre do pai para o filho, o qual assume a gestão da propriedade quando o pai já não possui mais condições de realizar as atividades da unidade de produção agrícola. Vale frisar que esse processo ocorre de forma gradual, sendo os ensinamentos repassados de forma planejada para o sucessor (MIRALHA; HESPANHOL, 2003).

Note-se que a sucessão geracional “não pode ser confundida com herança ou divisão patrimonial” e que envolve uma preparação (ABRAMOVAY, 1992, p. 191). Portanto, deve ser entendida como um “processo, e não apenas como a troca de um gestor por outro” (KIYOTA; PERONDI, 2014, p. 1023).

Corroborar-se com a discussão, entendendo a sucessão geracional “como a transferência de poder e do patrimônio entre gerações no âmbito da produção agrícola familiar”, isto é, com “a retirada paulatina das gerações mais idosas da gestão do estabelecimento e a formação profissional de um novo agricultor” (STROPASOLAS, 2011, p. 26).

Ademais, o processo sucessório ocasiona uma nova formatação dos agricultores que tomam como base três pilares: transferência patrimonial; continuação da atividade profissional paterna e a retirada das gerações mais velhas da gestão do patrimônio (COSTA, 2010).

Historicamente, a transferência de controle da atividade produtora tende a ser realizada apenas com um sucessor, a fim de manter indivisível a propriedade (KIYOTA; PERONDI, 2014). Ademais, a sucessão na propriedade agrícola, tradicionalmente, é realizada com um dos filhos do sexo masculino que, após a transferência, assume o controle dos trabalhos do pai (WEISHEIMER, 2009).

Contudo, sublinha-se que esse processo está estritamente relacionado às variáveis socioeconômicas como, por exemplo, tamanho da propriedade, atividades mais ou menos rentáveis, maior concentração ou diversificação nas atividades, número de filhos (e de herdeiros), nível educacional e qualificação profissional dos herdeiros, forma como os jovens são inseridos nas relações produtivas e familiares e, as aspirações profissionais dos jovens (BRUMER, 2004).

Notadamente, quanto às aspirações profissionais desses jovens, as opções de trabalho remunerado, muitas vezes, são os principais atrativos da emigração rural e, por conseguinte, impulsionador à vida urbana, além das dificuldades inerentes ao meio rural, considerados como fatores de expulsão, dentre eles, as pressões de mercado associadas à modernização da propriedade rural e, por conseguinte, na mudança das estratégias utilizadas, que, antes era controlada pelas famílias (CARNEIRO, 1998), além da diminuição da renda rural, dificuldades de acesso ao crédito, saúde e educação (FRANZEN, 2014; PANNO; MACHADO, 2016; ARAÚJO *et al.*, 2017; RODRIGUES *et al.*, 2017; STRATE; CONTERATO, 2019). Assim, todos esses elementos acentuam a desvalorização cultural da agricultura familiar, afetando diretamente, na permanência dos jovens nessa atividade (CARNEIRO, 1998).

Sublinha-se que muitos jovens rurais deparam-se com o dilema entre ficar ou sair da propriedade rural, haja vista que esse jovem vivencia uma nova realidade, tendo acesso à diversas informações - estas que seus pais não tiveram, passando a trilhar seu caminho, muitas vezes, diferente do planejado pela família, ocasionando, ruptura no processo da sucessão geracional. Essa nova configuração do meio rural traz com ela uma realidade diferente, onde os filhos dos agricultores passam a ter acesso à educação e ao mundo mais globalizado, criando sua própria concepção de mundo, levando ao abandono das atividades da unidade de produção agrícola.

Assim, a agricultura se reduz, em muitas situações, na única opção aos que não puderam estudar ou inserir-se em outros mercados de trabalho (CARNEIRO, 1998), em outras palavras, ocorre uma desvalorização da atividade cujo aprendizado se dá, geralmente, fora da escola e que corresponde a forma tradicional de qualificação profissional do campo (CHAMPAGNE, 1979). Por seu turno, à medida em que se vê o crescente aumento de escolarização dos jovens rurais em relação às gerações anteriores, normalmente, cresce o desestímulo no mesmo acerca

da atividade sucessória na propriedade agrícola, fato percebido na maior parte dos casos (CHAMPAGNE, 1986; PANNO; MACHADO, 2016).

Quanto à sucessão geracional por gênero, normalmente, ela é excludente, pois, geralmente a mulher não é vista como a pessoa que vai liderar a propriedade rural (DEERE; LEÓN, 2002). A agricultura familiar, fortemente marcada por um viés de gênero, vê no homem o único sucessor, na maior parte dos casos, excluindo a possibilidade de estimular a mulher para assumir as atividades da propriedade. Esse distanciamento da mulher nas atividades rurais, acaba por a estimuladora projetar a vida fora da propriedade rural. Assim, as jovens investem em estudos e buscam alternativas de inserção profissional no mercado de trabalho urbano, normalmente. Por seu turno, as filhas só se tornam herdeiras da terra em situações excepcionais, por exemplo, na morte do pai e ausência de irmãos (PAULILO, 2003).

Por todo esse contexto, é consenso entre muitos autores que o momento da sucessão é crítico e, não há mais garantia da permanência da juventude rural no processo de sucessão geracional (TOLEDO, 2008). Assim, os projetos profissionais dos jovens nem sempre coincidem com a atividade produtora da família, principalmente, entre jovens e mulheres (WEISHEIMER, 2009), tornando a população caracterizada como mais envelhecida e masculina. Assim, pode estar ocorrendo um distanciamento entre as perspectivas dos pais em relação às dos filhos, no que diz respeito à permanência na propriedade rural, já que muitos jovens não vislumbram expectativas e atrativos que venham transformar o meio rural em um local adequado para seus projetos individuais.

Com a emergência de projetos individuais, fica cada vez mais difícil construir o herdeiro, quando tais projetos não ficam mais alinhados aos projetos coletivos da família, que, tradicionalmente, era um dos fatores de permanência da agricultura familiar através da história, mas hoje, ele parece se chocar com os projetos individuais dos jovens rurais (WOORTMANN, 1990).

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O município de Moju pertence à microrregião de Tomé-Açu, mesorregião do Nordeste Paraense, estado do Pará, estando distante cerca de 128 km de Belém, capital do estado. A comunidade Arauaí, que é o *locus* do estudo, está situada no centro do município.

A comunidade possui rede geral de energia elétrica, desde 2008, com o Programa Luz para Todos, abastecimento de água de poço artesiano e, em sua maioria, possui como destino de dejetos, fossa seca. A comunidade conta também com escola municipal de Ensino Fundamental, porém não há posto de saúde local. Também não há grupos organizados de mulheres, jovens, nem sindicato, apenas associação de produtores.

Os entrevistados nesta pesquisa são pais que fazem parte do projeto de integração entre agricultores familiares e a Agropalma, empresa com *expertise* no cultivo e processamento industrial do dendê e pioneira nesse sistema de integração na região.

A coleta de dados foi realizada no mês de junho de 2017, na comunidade de Arauaí, no município de Moju, por meio de questionário com perguntas semiabertas e fechadas. Foram entrevistados 20 agricultores, todos parceiros da Agropalma. A visitação à comunidade e auxílio na seleção das famílias foi apoiada pela Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Pará (EMATER). A escolha das famílias foi feita por acessibilidade e concordância das famílias que participaram da pesquisa, após uma explanação acerca da natureza e dos objetivos da mesma. Todos os respondentes foram homens e mulheres, entrevistados conjuntamente, e pais dos jovens sucessores.

Os dados foram sistematizados em planilha do Excel, para então serem analisados a partir de estatísticas descritivas e no contexto das falas dos respondentes. A pesquisa é de natureza qualitativa, os resultados numéricos e dados quantitativos servem de base para analisar o fenômeno e compreender o assunto estudado, a partir da perspectiva dos entrevistados.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 4.1 PERFIL SOCIOECONÔMICO

Constata-se que 60% dos produtores entrevistados nasceram na própria comunidade estudada e, apenas 40% são de outras localidades do estado do Pará. Contudo, dentre os entrevistados que não nasceram na comunidade, cabe notar que, metade dos respondentes se mudou há mais de 20 anos para a comunidade. De toda forma, o principal motivo da migração para Arauaí foi a perspectiva do cultivo do dendê, com implicações positivas no aumento na renda e melhoria no padrão de vida da família com a produção da cultura. Este resultado corrobora com outro estudo ao citar que um número expressivo de produtores foi atraído para a comunidade devido ao projeto, em busca de uma vida melhor (MENEZES *et al.*, 2015).

Vale notar que na Amazônia, o cultivo do dendê foi fomentado enquanto política de promoção do desenvolvimento sustentável e inclusivo (FERREIRA *et al.*, 2016). Assim, infere-se maior perspectiva das populações rurais em permanecerem no espaço rural.

Esta migração interna, que ocorreu a partir do fomento à integração do dendê na região em estudo, diverge na literatura. Com a modernização da agricultura, ocorreu migração massiva em direção às cidades, decorrente, principalmente, da falta de empregos no meio rural e, das más condições de trabalho na agricultura (WEISHEIMER, 2009). Ademais, em países em desenvolvimento, ainda que a população rural seja majoritária, os investimentos são feitos de maneira a desenvolver o meio industrial urbano, acelerando o processo de migração rural-urbano (KAGEYAMA, 2004).

Acerca do núcleo familiar, nota-se que 95% das famílias possuem filhos, conforme Tabela 1, sendo que 35% possuem três filhos e, outros têm 1 e 2 filhos, sendo, respectivamente, 25% e 15% da amostra.

Tabela 1 – Total de filhos por entrevistado e famílias com filhos morando na mesma propriedade.

<b>Quantidade</b>	<b>Filhos por família (%)</b>	<b>Famílias com filhos que moram na propriedade (%)</b>
Nenhum filho	5	-
Um filho	25	47,38
Dois Filhos	15	15,79
Três filhos	35	15,79
Quatro Filhos	10	10,52
Cinco ou mais filhos	10	10,52
Total de filhos	100	100,0

Fonte: Dados da pesquisa.

Ainda na Tabela 1, vê-se o número de famílias com filhos que ainda moram na propriedade. Vale frisar que apenas uma família não possui filhos, contudo, o respondente é um jovem sucessor que mora no entorno da residência dos pais. Inicialmente, quase todas as famílias possuem filhos que podem suceder seus pais no futuro na atividade, chamando a atenção de que a linhagem da família pode se perpetuar no âmbito da propriedade agrícola. Ademais, dentre os filhos que já saíram da propriedade, todos os entrevistados afirmaram que eles ainda permanecem morando dentro da comunidade, exercendo atividades voltadas ao dendê.

Na Tabela 2 há quatro grupos de faixas etárias (de 0 a 20 anos de idade; de 21 a 35 anos; de 36 a 45 anos e com mais de 45 anos) relacionados com a escolaridade, tanto dos entrevistados quanto de seus filhos, a fim de comparar os níveis de escolaridade em função das idades.

Tabela 2 – Cruzamento de respostas da faixa etária e escolaridade dos entrevistados e seus filhos.

<b>Faixa etária</b>	<b>Escolaridade</b>							<b>Total</b>
	Fund. Incomp.	Fund. Comp.	Médio Incomp.	Médio Comp.	Sem escolar.	Superior	Não declarou	
0 - 20 anos	6	3	0	4	0	3	8	24
1 - 35 anos	0	0	6	3	0	3	3	15
6 - 45 anos	0	2	1	0	0	1	0	04
Mais de 45 anos	4	2	1	2	3	0	0	12
<b>Participação (%)</b>	18,18	12,73	14,55	16,36	5,45	12,73	20,00	55

Fonte: Dados da pesquisa.

Na faixa etária de 0 a 20 anos de idade, nove pessoas ainda não chegaram ao Ensino Médio por se tratar de crianças ou adolescentes, estudam na escola da comunidade ou foram enviados, por seus familiares, para estudarem no meio urbano. Três pessoas chegaram ao ensino superior. Também, três pessoas têm ou estão cursando o ensino superior na faixa etária de 21 a 35 anos, diminuindo o número de pessoas que não chegaram ao Ensino Médio.

Uma pessoa chegou ao Ensino Superior, na faixa de 36 a 45 anos, faixa que não apresentou nenhuma pessoa com Ensino Fundamental Incompleto, diferentemente da faixa etária mais avançada, onde há três pessoas sem escolaridade e quatro com Ensino Fundamental Incompleto.

Esses resultados demonstram que as novas gerações estão prosseguindo nos estudos, alcançando níveis mais altos. Cita-se estudo que encontrou resultados sobre a maior escolaridade média dos jovens no meio rural em relação à escolaridade da geração de idosos, afirmando que, os jovens estão mais preocupados em atingir níveis maiores de escolaridade, considerando que, este fator cria maior possibilidade de diversificar a renda a partir de alternativas mais atrativas, alcançar maior qualidade do produto, minimizar os riscos, agregar valor à produção, encurtar as cadeias e fortalecer as rendas não agrícolas (KIYOTA; PERONDI, 2014). Na percepção dos jovens, estas possibilidades advêm de capacidades construídas por meio de maior conhecimento obtido a partir de maior nível de escolaridade (KYOTA; PERONDI, 2014)

Importante notar que das sete pessoas que alcançaram o nível superior, seis são mulheres e apenas um é homem. Note que estes dados estão de acordo com estudo que afirma que as mulheres, geralmente, possuem nível de escolaridade superior aos homens, já que, ao serem preteridas na sucessão da propriedade familiar (tradicionalmente, os homens são vistos como mão de obra), não visam estabilidade em um emprego no meio rural, ou ainda, rejeitam a situação de suas mães (BRUMER, 2004).

No que tange às remunerações, tem havido um crescimento mundial nas atividades não agrícolas no meio rural (BAUMEL; BASSO, 2004; SACCO DOS ANJOS; CALDAS; COSTA, 2006), corroborando com os dados coletados, onde 35% das famílias entrevistadas exercem atividades fora da agricultura. É importante notar que, esses trabalhadores ainda estão no meio rural exercendo outra atividade, não estando totalmente desligados da comunidade, sendo essa atividade exercida na própria localidade.

Analisando a contribuição desses membros que exercem atividades não agrícolas, 42,86% contribuem com as despesas da família os outros 57,14% não contribuem com as despesas da família. Assim, a pluriatividade é uma alternativa de manter e garantir à reprodução das famílias rurais, aumentando à fonte de renda a partir de outras atividades não ligadas à produção primária, mantendo moradia no campo e uma ligação com a vida no espaço rural (BAUMEL; BASSO, 2004).

Algumas pesquisas mostram que a pluriatividade no campo vem favorecendo a reprodução social no processo sucessório da agricultura familiar, gerando novas alternativas de renda e fixando as famílias no meio rural. Tudo indica que, o processo sucessório na agricultura familiar é muito mais afetado, pelo dinamismo das atividades econômicas da região em que se encontra inserida e, pelo tamanho do negócio familiar, do que em virtude da maior ou menor incidência da pluriatividade (SACCO DOS ANJOS; CALDAS; COSTA, 2006).

Dos que responderam ter algum membro da família trabalhando em atividades não agrícolas (35% dos respondentes), 71,42% deles alegaram exercer outros trabalhos por vocação, e 28,58% alegaram que é para auxiliar na manutenção da família.

Os entrevistados citaram que existe na comunidade um consórcio de trabalhadores do dendê, cuja finalidade é contratar os serviços de mão de obra para limpeza, colheita, entre outros. Vale notar que, a força de trabalho familiar no dendezal não era suficiente, havendo necessidade de contratação de mão de obra externa à família para operações no cultivo de dendê (MENEZES *et al.*, 2015).

Assim, a maioria (65%) dos agricultores entrevistados utiliza mão de obra proveniente do consórcio, o que mostra o sucesso da ideia, considerando que 67,8% dos entrevistados afirmaram ter essa dificuldade. Somente um dos entrevistados realiza integralmente as atividades no cultivo do dendê em sua área de terra e outros 30% absorvem, exclusivamente, a mão de obra familiar, alegando o alto custo em contratar mão de obra proveniente do consórcio.

Na Tabela 3 observam-se as formas de obtenção das propriedades dos entrevistados, sendo que 40% deles compraram a terra, 25% obtiveram por herança (se tornaram sucessores), 15% por doação e, apenas 5% arrendou a terra. Três entrevistados (15%) não declararam a forma como obtiveram a terra.

Tabela 3 – Formas de obtenção da propriedade entre os entrevistados na Comunidade de Arauaí.

<b>Meios de Obtenção da propriedade</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Compra	8	40
Herança	5	25
Doação	3	15
Não declararam	3	15
Arrendamento	1	05
<b>Total</b>	<b>20</b>	<b>100</b>

Fonte: Dados da pesquisa.

Quando perguntados sobre caso houvesse a possibilidade de aumentar o plantio do dendê, a maioria (80%) concordou que aumentariam a área atual, mas se veem impossibilitados, pois segundo as falas, não podem aumentar suas áreas por estarem presos ao contrato com a empresa Agropalma. Desses (80%), 81,25% se mostraram interessados em trabalhar com outras culturas dentro do dendezal, justificando que traria novas fontes de renda para a família e não ficariam ociosos, visto que alguns entrevistados ainda não tinham o dendê produzindo. Como alternativa nesse plantio, os entrevistados relataram ter vontade de introduzir o açaí, pimenta, mandioca e o milho, trazendo diversificação à produção, como consequência introdução de uma nova fonte de renda na receita da família. É oportuno destacar que as famílias são estimuladas, por meio da parceria celebrada com a integradora, a manterem suas atividades de agricultura de subsistência (milho, mandioca, entre outras) em áreas contíguas ao dendezal e previamente definidas para isso.

Considerando as condições financeiras das famílias entrevistadas, foi realizada a pergunta “Quais investimentos foram feitos nos últimos três anos?” As respostas mostram que 65% e 70%, respectivamente, realizaram maiores investimentos na aquisição de veículos e na reforma e construção da casa (Tabela 4). Por sua vez, pode-se observar que apenas 35% dos entrevistados fizeram a compra de equipamentos ou máquinas para a propriedade. Outros 10% dos entrevistados fizeram aquisição de terras ou adquiriram terreno na cidade, incluindo a realização de alguma benfeitoria nesta propriedade.

Tabela 4 – Investimentos realizados nos últimos três anos.

<b>Tipos de investimentos</b>	<b>Não Fizeram investimentos (%)</b>	<b>Fizeram investimentos (%)</b>
Aquisição de terras	90	10
Aquisição de veículos (utilitários)	35	65
Aquisição de equipamentos ou máquinas	65	35
Aquisição de terreno na cidade	90	10
Construção e reforma da casa	30	70
Construção/reforma de benfeitorias da propriedade	90	10
Outros investimentos (especificar)	95	05

Fonte: Dados da pesquisa.

Buscou-se identificar o local onde é gasto os rendimentos obtidos pelas famílias dos agricultores entrevistados, não importando a fonte. As preferências foram: centro urbano mais próximo (35%), própria comunidade (30%), cidade mais próxima (15%), comunidade e no centro urbano (10%), centro urbano e na cidade mais próxima (10%).

#### 4.2 PERCEPÇÃO SOBRE OS SERVIÇOS DE ATER E NÍVEL DE CONFIANÇA NOS ATORES ENVOLVIDOS NA ATIVIDADE

Verifica-se que 50% dos entrevistados dizem estar satisfeitos com a assistência técnica prestada pela empresa integradora. Outros 20% disseram estar muito satisfeitos. Esse grupo destacou que os técnicos da empresa realizam visitas de acompanhamento constantes junto aos produtores, levando a sensação de segurança e, assegurando, retorno da produção. Outros 15% relataram estar muito insatisfeitos, seguidos por 10% que disseram estar medianamente satisfeitos e, por último, 5% da amostra afirmou estar insatisfeito com a assistência técnica.

Note-se que em outro estudo, 42% dos entrevistados pontuaram a integração do dendê com Índice Médio de Sustentabilidade do Desenvolvimento Local, configurando seu espaço operacional como de total abandono antes do Projeto Dendê (FERREIRA *et al.*, 2016), particularmente, quanto ao crédito, assistência técnica, capacitação e garantia de compra. Ainda, a excelência do serviço de assistência técnica prestada pelos técnicos da Agropalma é comprovada por 96,8% dos entrevistados em outra pesquisa, sendo que somente 3,2% denotam insatisfação ou discordância com o serviço prestado (MENEZES *et al.*, 2015).

Quando questionados sobre o nível de confiança dos entrevistados em relação às instituições, os técnicos da Agropalma foram citados com maior margem de confiança (80%), conforme na Tabela 5. Em segundo lugar estão os técnicos da Empresa Oficial de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), seguidos de religiosos das congregações existentes na comunidade (55% de alta confiança), os vizinhos com 50% de alta confiança e os políticos, com 20% de alta confiança, os entrevistados traçaram comentários como “políticos? Eles só aparecem em época de eleição, querendo votos”, o que configura um menor nível confiança nestas pessoas.

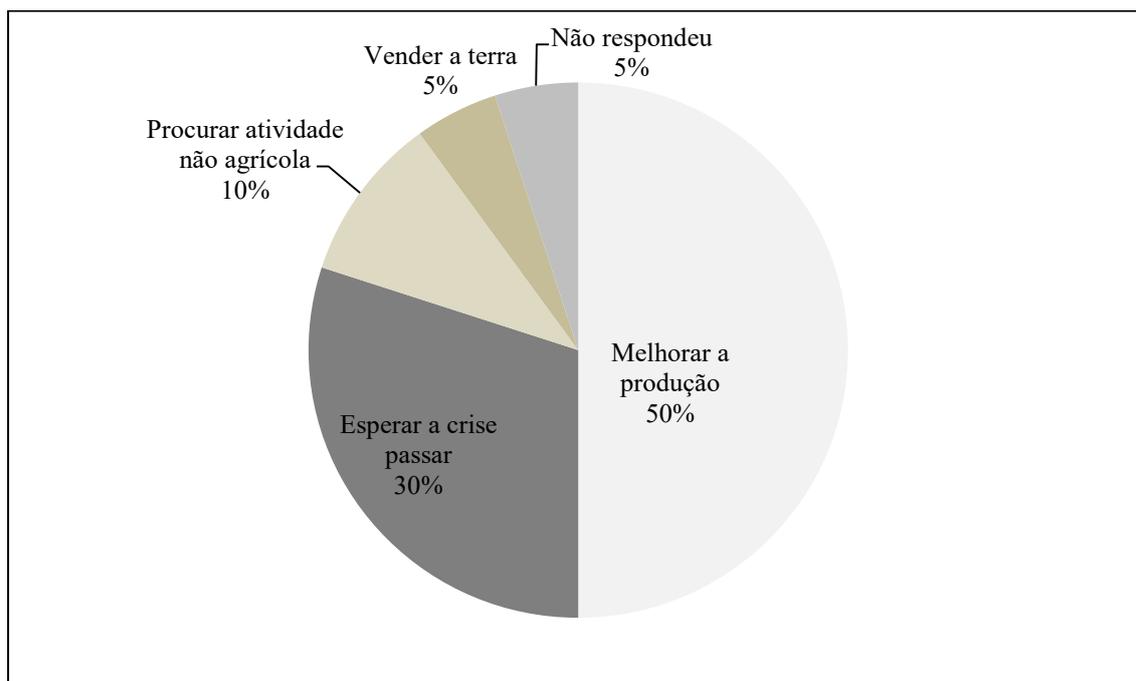
Tabela 5 – Nível de confiança relatado na Comunidade de Arauaí.

Nível de confiança	ATER	%	Políticos	%	Religiosos	%	Vizinhos	%	Agropalma	%
Não confia	1	5	-	-	1	5	-	-	-	-
Baixa confiança	-	-	6	30	3	15	3	15	1	5
Média confiança	7	35	9	45	3	15	5	25	3	15
Alta confiança	12	60	4	20	11	55	10	50	16	80
Não responderam	-	-	1	5	2	10	2	10	-	-
<b>Total</b>	20	100	20	100	20	100	20	100	20	100

Fonte: Dados da pesquisa.

Vale notar que quando questionados sobre a decisão que tomariam, caso houvesse uma piora na renda, 50% responderam que trabalhariam para melhorar a produção, conforme Figura 1. De acordo com um entrevistado “eu confio no dendê, melhoraria a produção”, reforçando o grau de confiança na cultura, apontado anteriormente. Outro entrevistado afirmou que “por nada neste mundo tenho vontade de abandonar a minha área”, mostrando que mesmo que acontecesse alguma piora na agricultura, ainda valeria a pena investir, melhorar a produção. Outros 30% responderam que esperariam a crise passar, ainda mostrando a confiança na cultura e na sua resistência para quaisquer acontecimentos de crise na produção. Procurar atividade não agrícola foi a opção escolhida apenas por 10%. Assinalando que alguns produtores não teriam receio em se arriscar em outras atividades não agrícolas, de modo a garantir renda como citado por entrevistado “trabalharia em tudo que posso, pedreiro, motorista, carpinteiro...”. A perda na renda e/ou prejuízos pode gerar um desestímulo em permanecer na atividade agrícola, o que pode ser fator de migração dos produtores para outras atividades. De todo modo, a pluriatividade tem sido um fenômeno que tem garantido a manutenção das famílias rurais e, considerando o nível de confiança alto na cultura do dendê, percebe-se perspectivas de futuro conforme a fala dessas famílias em permanecer no espaço rural, mesmo caso tenham que desenvolver agricultura *part time*.

Figura 1 – Atitude frente a uma possível perda na renda.



Fonte: Dados da pesquisa.

#### 4.3 PERCEPÇÃO DE BEM-ESTAR

Acerca da percepção de bem-estar estão inseridas variáveis como qualidade do serviço de educação prestado na comunidade, avaliação da vida quanto à aquisição de bens, melhorias na residência, segurança em viver na comunidade, as condições de vida dos entrevistados com relação à média da comunidade e avaliação geral dos entrevistados em seu ponto de vista sobre a comunidade ser um bom lugar para se viver.

Destaca-se que a escola pode ser um lugar privilegiado de formação de conhecimento e cultura, valores e identidades das crianças, jovens e adultos. Nesse sentido, a escola assume um papel de difundir conhecimentos para construir processos sociais, culturais e políticos no meio rural. Logo, a importância da escolarização como processo socializador é de grande relevância no meio rural, portanto, ter uma educação de qualidade favorece a reprodução das famílias no campo, pois com uma educação pautada no compromisso de qualificar os jovens, os pais deixam de encaminhá-los para estudar fora da comunidade, evitando o processo de afastamento do campo, favorecendo a permanência dos jovens na unidade produtiva (ARROYO; CALDART; MOLINA, 2004).

Conforme as respostas dos entrevistados, 65% estão satisfeitos com a educação na comunidade, outros 25% disseram estar muito satisfeitos com a educação, os insatisfeitos e mais ou menos somam 10% da amostra. Apesar disso, quanto à forma de educação atualmente realizada na comunidade, todos os entrevistados concordaram que uma educação formal aliada ao ensino de práticas agrícolas seria importante para a formação dos jovens na comunidade.

Quanto à aquisição de novos bens, conforto no lar e segurança, elementos constituintes de satisfação com a qualidade de vida nos últimos 12 meses, os dados levantados revelam que, 30% da amostra se diz muito satisfeita com a vida. Por sua vez, outros 50% se dizem satisfeitos. Outros afirmaram se encontrar muito insatisfeitos (5%) e medianamente satisfeitos com a vida na comunidade (15%). A identificação desses sentimentos positivos pela maioria dos entrevistados revela o quanto os agricultores passaram a se sentir valorizados na sociedade, tendo acesso à comercialização de seus produtos. Assim, denota-se que esse sentimento de identidade e envolvimento com a propriedade é fundamental para garantir a permanência dos produtores no meio rural.

Com relação à produção de alimentos e ganhos da família nestes últimos 12 meses, 85% responderam que os ganhos obtidos têm sido suficientes para cobrir as necessidades do domicílio. Apenas uma pessoa (5%) respondeu que não estavam sendo suficiente e duas responderam que em parte têm sido suficientes (10%).

Cita-se que as características das moradias dos produtores da comunidade de Arauaí passaram por expressivas melhoras desde a entrada no Projeto Dendê (MENEZES *et al.*, 2015). Os autores ressaltaram que a maioria dos entrevistados afirmaram ter uma boa casa para morar com seus familiares (MENEZES *et al.*, 2015). Essa satisfação foi confirmada entre o grupo estudado no presente estudo, que evidencia que mais da metade dos entrevistados (60%) acredita estar na média das condições de vida dos moradores da comunidade, 40% responderam estar melhores que a média. Nenhum entrevistado respondeu se considerar abaixo da média.

Segundo a maioria dos entrevistados (74%), a comunidade é um bom lugar para se viver. Apenas 10% informaram não ser um bom lugar para morar. A comunidade apresentou melhorias qualitativas com a produção dendê, tendo mais serviços que proporcionam um salto na qualidade de vida dos moradores, tornando um local de moradia agradável, pois as necessidades básicas estão sendo supridas.

Comparando com os últimos cinco anos, todos os entrevistados responderam ter uma condição de vida melhor agora. A dendeicultura ajudou na geração e garantia de renda, além da ação de políticas públicas (como acesso à energia elétrica), que permitem o avanço dos pequenos produtores à melhoria de vida (MENEZES *et al.*, 2015).

Outro aspecto importante na opinião dos entrevistados quanto ao bem-estar na comunidade é quando comparam com o período em que seus pais trabalhavam na agricultura. Dos entrevistados, 90% disseram que melhorou em todos os aspectos a localidade, citando aspectos de trabalho, renda, serviços na comunidade e, bem-estar. Apenas 10% dos respondentes informaram que a melhoria foi em alguns aspectos.

Algumas declarações dos entrevistados consolidam este resultado. Como por exemplo, “trabalhávamos muito na época do meu pai” e outra resposta de que “na época do meu pai, tínhamos que desmatar, queimar, e plantar todos os anos, agora, com o dendê há quatorze anos, só fiz isso uma vez”.

#### 4.4 PERSPECTIVAS DE SUCESSÃO GERACIONAL NA PROPRIEDADE RURAL

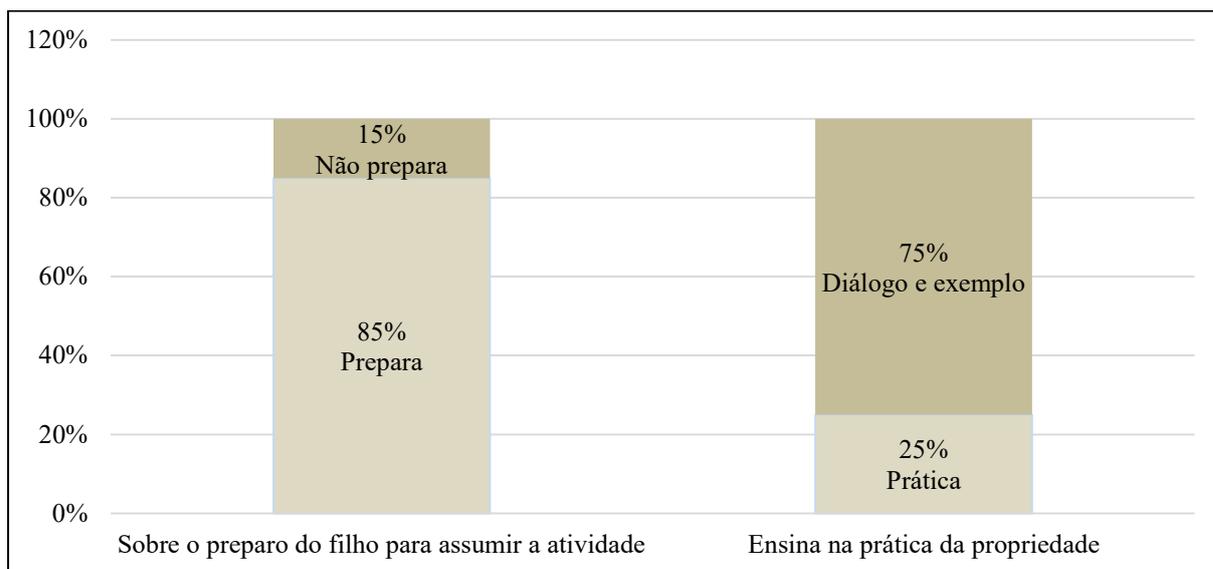
As tradicionais tensões entre as ideias dos jovens sobre seu futuro e de seus pais sobre o que eles devem fazer são cada vez mais fortes (KIYOTA; PERONDI, 2014). Neste sentido, buscou-se entender o ponto de vista dos interessados sobre o futuro de sua família, considerando o contexto da dendeicultura.

A perspectiva de 80% dos entrevistados foi positiva quanto a ver sua família na atividade no futuro. Apenas uma entrevistada comentou que como não pode levar o filho menor de idade ao plantio, devido à fiscalização quanto ao trabalho infantil, acreditando que essa falta de contato com a atividade produtiva nas idades mais tenras é fator de distanciamento do jovem na atividade no futuro. Nas palavras da entrevistada “é claro que quero levar meu filho para conhecer, mas não posso”, referindo-se às fiscalizações. Portanto, acredita que sem ter contato com a ocupação desde cedo, não seguirá na sucessão da propriedade.

Vale frisar que, os contratos de integração nas cadeias produtivas proíbem o trabalho de menores de 18 anos na atividade, o que pode gerar um confronto entre a perspectiva dos pais e as diretrizes do contrato, o qual está fundamentado nos princípios internacionais da garantia do pleno desenvolvimento das crianças (MARIN et al., 2012). Tais autores, ao analisarem o problema do trabalho infantil no sistema de integração do tabaco no Rio Grande do Sul, acentuam que há diferentes concepções sobre o trabalho da criança na agricultura familiar, pois, sob o ponto de vista das famílias, o trabalho infantil é entendido como “ajuda” e uma preparação para sucessão familiar, não sendo uma forma de exploração do trabalho dos próprios filhos (MARIN et al., 2012). Portanto, ao inserir o contrato nas relações das famílias rurais se retira dos pais a forma tradicional de ensinar os filhos mais jovens sobre a atividade agrícola, o que pode afetar o processo sucessório.

Como forma de ensinar os menores de 18 anos, destaca-se que 85% dos entrevistados disseram estar preparando seus filhos para a agricultura, sendo que 75% estão procurando ensinar e inspirar seus filhos através do exemplo e de conversas sobre a produção, uma vez que os menores de idade não podem exercer qualquer atividade produtiva no dendezal, não exercitando até a maioridade de idade a prática (Figura 2). Essa postura coincide com a relatada em outro estudo que apontou o papel dos pais no preparo dos filhos para que possam ser bem-sucedidos, independente de qual seja a sua escolha, e não por decidir pelo jovem sobre a simples permanência ou não no estabelecimento rural (KIYOTA; PERONDI, 2014).

Figura 2 – Formas de sucessão geracional na Comunidade de Arauaí.



Fonte: Dados da pesquisa.

Assim, 90% dos entrevistados acreditam que todos ou alguns de seus filhos estarão na atividade rural no futuro e, que para a sucessão da propriedade, a terra oferece condições de permanecer na atividade também em 90% dos casos. Os produtores ainda responderam sobre a especificidade quanto ao sexo dos filhos que continuarão na propriedade. Para 20% dos entrevistados seria preferível que suas filhas mulheres assumissem as atividades na propriedade. A maioria (50%), no entanto, declarou que preferiam que seus filhos do sexo masculino assumissem o controle da propriedade, alegando que o trabalho a ser desenvolvido é demasiado pesado, portanto, mais apropriado para pessoas do sexo masculino. Outros 30% responderam que não tinham preferência, ou seja, que qualquer um dos filhos, independentemente do sexo, poderia assumir, desde que assim desejassem.

A Tabela 6 faz o cruzamento das respostas entre as questões de satisfação com o trabalho e a produção do dendê com a pretensão de algum membro da família morar no meio urbano.

Tabela 6 – Cruzamento das respostas da satisfação da família em relação ao trabalho e produção e pretensões em morar fora do meio rural.

Nível de satisfação/Pretensão em morar fora	Muito satisfeitos	Satisfeitos	Insatisfeitos	Total
Sim	2	2	1	5
%	10	10	5	25
Não	6	8	1	15
%	30	40	5	75
Total	8	10	2	20
%	40	50	10	100

Fonte: Dados da pesquisa.

A maioria dos entrevistados (75%) respondeu que não há membros de suas famílias nas proximidades que pretendam morar na cidade (seja Moju ou outro centro urbano). Apenas um (5%) entrevistado neste grupo relatou não estar satisfeito com o plantio e dendê, por se tratar, segundo ele, de uma atividade muito trabalhosa. Outros 10% relataram que não há motivos para saída da comunidade, pois é um local seguro e com bastante espaço, diferentemente dos centros urbanos, com altas taxas de criminalidade e com casas pequenas, por vezes sem quintais. Conforme um entrevistado “não tem necessidade de ir morar na cidade, porque saem três ônibus todos os dias pra lá. Se eu precisar comprar alguma coisa, eu vou e volto”.

Destaca-se, no entanto, que 25% relataram que há alguém na família que pretende sair para o meio urbano. Embora haja uma pessoa deste grupo insatisfeito com o trabalho e a produção, as intenções de saída para o meio urbano, relatadas pelos entrevistados foram, em sua maioria, para continuar os estudos. Uma pessoa relatou que dois de seus filhos que se mudaram para o meio urbano (município de Tailândia, no estado do Pará) já declararam seu desejo por voltar à comunidade. Um entrevistado respondeu que estaria disposto a mudar para a cidade por ocorrência de problemas de saúde, haja vista que não há postos de saúde próximo da comunidade.

Vale frisar que a intenção de residir no meio rural aumenta de acordo com a idade dos entrevistados, conforme se efetiva sua condição de agricultor, se torna mais condizente fazer sua residência no meio rural. A pretensão maior em sair do meio rural é por parte das moças, em quem predominam projetos que acenam para ruptura do meio rural e seus modos de vida tradicionais (WEISHEIMER, 2009).

A realidade na comunidade Arauaí se mostrou diferente no tocante às pretensões de saída. A cultura da palma de óleo possui estabilidade e boa geração de renda, em específico neste local, causando satisfação na maioria dos produtores e em seus filhos, que, independente do sexo, escolhem aprimorar seus estudos, mas também voltar para a comunidade e participar do projeto de plantação do dendê.

## 5 CONCLUSÃO

Os resultados deste trabalho evidenciaram que a maior remuneração das famílias a partir do sistema de integração com a indústria do dendê, estimulou os filhos dos agricultores familiares a permanecerem na propriedade com a perspectiva de realizarem a sucessão geracional. Na comunidade estudada, o desejo de permanecer no campo, com qualificação, é uma realidade incentivada pelos pais e pretendida pelos seus filhos, mostrando uma esperança de um futuro melhor, através do trabalho na propriedade.

A análise dessa pesquisa, contudo, não pretende ser conclusiva em razão do objeto de estudo ser complexo e se reconhecer a importância de novas variáveis a serem discutidas, além da necessidade de se extrapolar o estudo para outras comunidades e realidades, ampliando-se o universo estudado, especialmente em sistemas de integração.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, R. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. São Paulo: Hucitec, 1992.
- ARAÚJO, A. S. *et al.* Análise socioeconômica de agricultores da comunidade quilombola do Abacatal, Ananindeua, estado do Pará, Brasil. **Biota Amazônia**, v. 7, n. 1, p. 30-37, 2017.
- ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C. **Por uma educação do campo**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BAUMEL, A.; BASSO, L. C. Agricultura familiar e a sustentabilidade da pequena propriedade rural. *In*: CAMARGO, G.; CAMARGO FILHO, M.; FÁVARO, J. L. (Org.) **Experiências em desenvolvimento sustentável e agricultura familiar**. Paraná: Ed. Unicentro, 2004.
- BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Programa de produção sustentável de óleo de palma no Brasil**. 2010. Disponível em: <[http://www.agricultura.gov.br/arq\\_editor/file/camaras\\_setoriais/Palma\\_de\\_oleo/1\\_reunia\\_o/Programa.pdf](http://www.agricultura.gov.br/arq_editor/file/camaras_setoriais/Palma_de_oleo/1_reunia_o/Programa.pdf)>. Acesso em: 01 jul. 2017.
- BRUMER, A. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. **Estudos feministas**, v. 12, n. 1, p. 205-227, 2004.
- CARNEIRO, M. J. O ideal *rurbano*: campo e cidade no horizonte dos jovens. *In*: SILVA, F. C. T. *et al.* (Org.). **Mundo Rural e Política: ensaios interdisciplinares**. Rio de Janeiro: Campus, 1998, p. 97-117.
- CHAMPAGNE, P. Jovens agricultores e velhos fazendeiros: crise da sucessão e surgimento da “terceira idade”. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, n. mars/avril, p. 83-107, 1979.
- \_\_\_\_\_. Ampliação do espaço social e crise da identidade camponesa. **Cahier d’Economie et Sociologie Rurales**, n. 3, p.73-89, 1986.
- COSTA, A. M. S. **Fatores econômicos e culturais na agricultura familiar um estudo sobre o Oeste Catarinense**. 2010. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2010.
- DEERE, C. D.; LEÓN, M. **O empoderamento da mulher: direitos à terra e direitos de propriedade na América Latina**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2002.
- EMBRAPA. **Zoneamento agroecológico, produção e manejo para a cultura da palma de óleo na Amazônia**. Rio de Janeiro: Embrapa Solos, 2010. Disponível em: <<http://www.abrapalma.org/>>. Acesso em: 01 jul. 2017.
- FERREIRA, C. H. Sistema de integração de aves como modelo de produção para acesso de pequenos e médios produtores. *In*: SEMINÁRIO DE AVES E SUÍNOS, 7.; SEMINÁRIO DE

AQUICULTURA, MARICULTURA E PESCA, 3. 2007, Belo Horizonte. **Anais...Concórdia: Embrapa Suínos e Aves**, 2007.

FERREIRA, V. A. *et al.* Os fatores de repercussão da cadeia produtiva do dendê no desenvolvimento local do Baixo Tocantins. **Desenvolv. Meio Ambiente**, v. 39, p. 173-188, 2016.

FRANZEN, D. O. A colônia em crise: a questão do meio ambiente, da agricultura e da sucessão familiar em debate no município de Itapiranga (1926-1960). **DRd – Desenvolvimento Regional em debate**, a. 4, n. 1, p. 63-83, jan./jun. 2014.

GEMAQUE, A. M.; FERREIRA FILHO, H. R.; BELTRÃO, N. E. S. A dendeicultura na Amazônia: adoção do Projeto Dendê Familiar em uma comunidade rural no estado do Pará. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v. 11, n. 3, p. 80-100, set./dez. 2015.

GOMES, A. P. W.; GOMES, A. P. Sistema de integração na avicultura de corte: um estudo de caso na região de Viçosa-MG. *In*: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 46. 2008, Rio Branco. **Anais... Rio Branco: SOBER**, 2008.

GLASS, V. Expansão do dendê na Amazônia brasileira: elementos para uma análise dos impactos sobre a agricultura familiar no nordeste do Pará. **Repórter Brasil**, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://reporterbrasil.org.br/documentos/Dende2013.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2017.

JANK, M. S. **Competitividade do agribusiness brasileiro**: discussão teórica e evidências no sistema de carnes. 1996. Tese (Doutorado em Economia) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 1996.

KAGEYAMA, A. Desenvolvimento rural: conceito e um exemplo de medida. *In*: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 2004. Cuiabá. **Anais... Cuiabá: SOBER**, 2004.

KIYOTA, N.; PERONDI, M. A. Sucessão geracional na agricultura familiar. Uma questão de renda? *In*: BUAINAIN, A. M. *et al.* (Org.). **O mundo rural no Brasil do século 21: a formação de um novo padrão agrário e agrícola**. Brasília: Embrapa, 2014, p. 1011-1045.

MATTE, A.; MACHADO, J. A. D. Tomada de decisão e a sucessão na agricultura familiar no Sul do Brasil. **Revista de Estudos Sociais**, v. 18, n. 37, 2016.

MARIN, J. O. B. *et al.* O problema do trabalho infantil na agricultura familiar: o caso da produção de tabaco em Agudo/RS. **RESR**, v. 50, n. 4, 2012.

MENEZES, A. J. E. A. *et al.* Caracterização socioeconômica de pequenos produtores de dendezeiro: o caso da comunidade de Arauaí, município de Moju, Pará. **Amazônia: Ciência & Desenvolvimento**, v. 11, p. 1-19, 2015.

- MIRALHA, W.; HESPANHOL, R. A. M. **Do campo para a cidade: êxodo rural dos jovens, questão sucessória e o envelhecimento dos produtores familiares no município de Álvares Machado**. São Paulo: FCT/UNESP, 2003.
- NAHUM, J. S.; SANTOS, C. B. Impactos socioambientais da dendeicultura em comunidades tradicionais na Amazônia paraense. **Acta Geográfica**, Ed. Esp. Geografia Agrária, p.63-80, 2013.
- OLIVEIRA, L. G. *et al.* Gerenciamento de riscos na cadeia agroindustrial de frango: análise da perspectiva dos avicultores em Ubá, Minas Gerais. **Revista Produção Online**, v. 15, n. 4, p. 1305-1325, 2015.
- PANNO, F.; MACHADO, J. M. D. A sucessão em propriedades rurais familiares de Frederico Westphalen/RS: influências e direcionamentos decisórios dos atores. **Redes** (St. Cruz Sul, Online), v. 21, n. 3, p. 217 - 237, 2016.
- PARÁ. **Protocolo de intenções socioambiental da palma de óleo**. Belém: Governo do Estado do Pará, 2014. Disponível em: <[http://www.abrapalma.org/downloads/Protocolo\\_Palma.pdf](http://www.abrapalma.org/downloads/Protocolo_Palma.pdf)>. Acesso em: 01 jul. 2019.
- PAULILO, M. I. Movimento de Mulheres Agricultoras: terra e matrimônio. *In*: PAULILO, M. I.; SCHMIDT, W. (Org.). **Agricultura e espaço rural em Santa Catarina**. Florianópolis: Editora UFSC, 2003. p. 183-210.
- REBELLO, F. K.; COSTA, D. H. M. A experiência do Banco da Amazônia com projetos integrados de dendê familiar. **Contexto Amazônico**, a. 5, v. 22, p. 1-8, 2012.
- RODRIGUES, P. L. *et al.* Dinâmica socioeconômica e organizacional em comunidade remanescente do quilombo Rio Gurupá, Marajó, Pará. **Revista Verde**, v. 12, n.1, p.105-116, 2017.
- SACCO DOS ANJOS, F.; CALDAS, N. V.; COSTA, M. R. C. Pluriatividade e sucessão hereditária na agricultura familiar. *In*: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 2006. Ceará. **Anais...Ceará: SOBER**, 2006.
- SILVA, F. L.; HOMMA, A. K. O.; PENA, H. W. A. P. O cultivo de dendezeiro na Amazônia: Promessa de um novo ciclo econômico na região. **Observatório de la Economía Latinoamericana**. n. 158, 2011. Disponível em: <<http://www.eumed.net/cursecon/ecolat/br/11/shp.html>>. Acesso em: 01 jul. 2017.
- SILVA, L. C. **Integração vertical contratual no agronegócio: um estudo no complexo agroindustrial da mandioca em Deodápolis**. Santa Bárbara d'Oeste. 2006. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Metodista de Piracicaba. Piracicaba, 2006.
- STRATE, M. F. D.; CONTERATO, M. A. Práticas de agroindustrialização e arranjos produtivos locais como estratégia de diversificar e fortalecer a agricultura familiar no Rio Grande do Sul. **Redes** (Santa Cruz do Sul. Online), v. 24, n. 1, p. 227-245, 2019.

STROPASOLAS, V. L. Os desafios da sucessão geracional na agricultura familiar. **Agriculturas**, v. 8, n. 1, p. 26-29, 2011.

TOLEDO, E. N. B. A juventude rural e os desafios sucessórios nas unidades familiares de produção. **Revista da Juventude Rural**, n. 3, p. 6-8, 2008.

WEISHEIMER, N. **A situação juvenil na agricultura familiar.**, Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul, 2009.

WOORTMANN, K. Com parente não se negueia: o campesinato como ordem moral. **Anuário antropológico**, v. 87, p. 11-73, 1990.

ZIEBERT, R. A.; SHIKIDA, P. F. A. Avicultura e produção integrada em Santa Helena, Estado do Paraná: uma abordagem a partir da nova economia institucional. **Agricultura em São Paulo**, v. 51, n. 1, p. 71-86, 2004.